

19-03-2024

A GEOGRAFIA E O ENVELHECIMENTO

Priscila Pazos

[Fisioterapeuta. Doutoranda da Ensp/Fiocruz]

O processo de envelhecimento e a velhice são experiências que estão relacionadas ao ambiente em que vivemos. Num contexto de vida moldado pelos ideais neoliberais, somos impulsionados a individualizar a velhice, e estigmatizá-la, retratando-a como um momento de incapacidade e improdutividade, sendo os idosos responsabilizados pelo sucesso ou fracasso do seu envelhecer. Assim, a velhice é enxergada como a pior etapa da vida, um momento de tragédia física, emocional e social. O diálogo entre envelhecimento e geografia, neste texto, busca repensar o sujeito que envelhece como categoria central, de modo a incentivar a reflexão para além dos dados demográficos cristalizados em forma de pirâmides. Buscamos nos aproximar de uma leitura geográfica que considere os desafios sociais e a produção de múltiplas diferenças de envelhecimento. Pessoas idosas e os contextos espaciais, ou seja, as dimensões econômica, política, social e cultural não são passivas, constroem-se mutuamente, moldando suas próprias experiências, o cotidiano e estilo de vida (Cruz, 2003). Portanto, devemos olhar para a indissociabilidade sujeito e espaço, considerando suas interações sociais, o meio ambiente e as suas contradições, onde é possível coexistirem diferentes trajetórias de vida (Santos, 2006). Dessa ideia de indissociabilidade, entendemos que o envelhecer se torna inerente ao território (Massey, 2008). Mediante isso, como é garantir direitos às pessoas idosas com diferentes condições de vida? Temos idosos que vivem no campo, grandes centros, periferias, dentre outros, e vemos na prática que as diferenças são grandes até numa mesma região. Ainda surgem outras indagações tais como: será que as políticas públicas estão acompanhando as mudanças demográficas, a realidade territorial e a reprodução social dos velhos? Que fatores devem ser considerados pelo Estado para mudar as políticas relacionadas? Como delegar às pessoas a responsabilidade pelo tão sonhado e vendido “envelhecimento ativo e saudável”? A exemplo regional, em nosso país, no último censo a região Norte foi considerada mais jovem, com 25,2% de sua população com até 14 anos, seguidos do Nordeste, com uma parcela de 21,1% e Centro-oeste com 20,9%. As regiões Sudeste e o Sul apresentaram 18% e 18,2 % de população jovem e uma considerável proporção de idosos com 12,2% e 12,1%, respectivamente (IBGE,2023). Quanto maior for a proporção de idosos em uma determinada população, mais avançado está o

processo de envelhecimento naquele espaço geográfico e maiores são os desafios. Cada região tem a sua especificidade territorial, climática, histórica, cultural, econômica e sofre influências de processos migratórios, fatores que reunidos impactam na expectativa e qualidade de vida regional. Partindo da ideia de histórias e lugares entrelaçados, lembro-me de Zilda, pessoa idosa de 70 anos vinda (e muito bem-vinda) do Nordeste para o Rio de Janeiro. Dona Zilda, nordestina lá das bandas do interior de Sergipe, de alma fluminense, veio trabalhar em casa de família junto com sua tia. Deixou para trás seus pais e 5 irmãos. Hoje, já aposentada, nos encanta vendendo seu produto de ouro, pois é conhecida pelos pacotinhos dourados de amendoins vendidos no sinal. Coincidência ou não, diariamente desloca-se de Rio do Ouro em São Gonçalo, região metropolitana do Rio, onde vive com sua família filhos e netos, para Icaraí, região considerada a zona sul de Niterói. Por lá passa suas horas vendendo amendoins tendo como paisagem de fundo - lembrando da geografia do Rio de Janeiro - os famosos cartões postais do Pão de Açúcar e do Cristo Redentor do outro lado da “poça”, como a baía de Guanabara é carinhosamente chamada por muitos moradores do Rio. Como diz Dona Zilda, “*Não tenho tempo para ver essa riqueza, essa praia e as belezas de Icaraí. Acho bom pra quem tem tempo, mas eu só tenho tempo para sobreviver. Acho bom também fazer caminhada na praia, todo mundo diz que é bom pra saúde, mas pra mim só resta caminhar entre os carros e desviar das motos. No final do dia pego meu 48* - referindo-se ao ônibus - *eu volto feliz para casa com a venda dos saquinhos. Todos os dias, faço igual para ganhar meu dinheiro. Preciso completar a renda pra não colocar água no feijão. Icaraí é minha velha conhecida, já que trabalhei por muitos anos como doméstica aqui. Foram anos de trabalho e hoje carrego no meu currículo uma bursite, bico de papagaio, artrose e tudo mais. Meu sonho era mesmo me aposentar bem, mas minha realidade é trabalhar.*” Perguntei a Zilda: *O que é envelhecer com qualidade de vida para você?* Ela me indaga “*de quem é o direito a envelhecer? ... os velhos daqui são diferentes dos velhos lá do meu bairro. Lá a maioria envelhece mal. Na minha terra poucos chegam à velhice. Sei lá, pra ser velho tem que ter bom salário, pois senão você sofre*”.

É evidente que muitos grupos sociais não conseguem envelhecer bem e, quando chegam aos 60 anos, apresentam muitas dificuldades. Portanto, ao repensar o envelhecimento e suas políticas, devemos considerar a história de vida, as questões de classe social, gênero, raça, trabalho, escolaridade, levando em consideração também como o lugar ocupado pelos sujeitos pode facilitar ou dificultar a experiência do envelhecer. Só assim podemos contribuir para um envelhecimento mais decente a todos, inclusive aos jovens de hoje que se tornarão os velhos de amanhã.

■ ■ ■

Referência: Massey D. *Pelo Espaço: Uma Nova Política da Espacialidade*. In: Maciel HP, Haesbaert R (Trad.). 1. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. // Santos M. *A natureza do espaço*. São Paulo: Hucitec, 2006.